

10. ISRAEL, POTÊNCIA BELICISTA E NUCLEAR

O projecto sionista para a Palestina tem sido imposto através da força e da violência. A agressão sionista ao povo palestino e a outros povos da região atingiu o seu auge em 1948-1949, resultando na Nakba, e não cessou mais até aos nossos dias.

Pouco depois da primeira Guerra Israelo-Árabe ocorreram vários massacres, planeados e executados pelas forças israelitas contra populações palestinas, como os massacres de Qibya (1953, 70 mortos), Kafr Qássim (1956, 48 mortos) ou Khan Yunis (1956, c. 250 mortos), entre outros.

Em 1956 dá-se a Guerra do Suez, na qual Israel serviu de ponta-de-lança para as pretensões das antigas potências coloniais (Reino Unido e França) contra o Egipto, que havia nacionalizado o canal de Suez, depois de não ter conseguido apoios financeiros para o projecto da grande barragem de Assuão.

Com a Guerra dos Seis Dias (1967), Israel ocupou a Faixa de Gaza, a Cisjordânia, a Península do Sinai (Egipto) e os Montes



Em 19 e 20 de Setembro de 1982 os falangistas libaneses, sob ordens e comando do exército israelita, chacinam milhares de refugiados palestinos nos campos de Sabra e Chatila (em Beirute).



*Primeira Intifada (1987-1993):
o poderio militar agressivo e defensivo de Israel é incomparavelmente superior
aos meios de resistência das populações palestinas.*



*Líbano, 2006: desde a sua fundação, Israel tem levado a guerra
e a destruição não só aos territórios da Palestina
mas também aos países vizinhos.*



Em 1986, Mordechai Vanunu, um técnico nuclear israelita que trabalhava no Complexo de Dimona, no Negueve (Naqab), revelou ao Sunday Times que Israel tinha instalações com capacidade para desenvolver um programa nuclear militar.

Golã (Síria), alargando o seu território não só à custa de mais terras palestinas, com destaque para Jerusalém Oriental, mas também de outros países vizinhos.

A violência, provocações e escaramuças continuaram, e em 1973 a guerra irrompe de novo (a chamada Guerra do Yom Kippur), desencadeada por Egipto e Síria com o objectivo de recuperar os territórios ocupados ilegítima e ilegalmente e levar Israel a cumprir os acordos e resoluções internacionais.

Em 1978 Israel invade o Líbano, país onde muitos palestinos se encontravam refugiados, mantendo a ocupação da região do rio Litani até ao ano 2000. Em 2006 Israel voltou a atacar o Líbano, causando mais de um milhar de mortos e graves destruições das infra-estruturas deste país.

Israel tem participado activamente na guerra contra a Síria. Segundo declarações de autoridades israelitas, Israel atacou a Síria «centenas» de vezes nos últimos anos, visando milhares de alvos, muitas vezes a partir de território aéreo libanês.

Também o Irão é alvo da agressividade israelita. O regime sionista procura formar, sob a égide estado-unidense, uma aliança anti-Irão com diversos regimes reaccionários árabes. Israel é responsável por uma série de assassinios de dirigentes e cientistas iranianos.

Em 1987-1993 e 2000-2005 deram-se os levantamentos populares palestinos conhecidos como Intifadas, cuja repressão por Israel causou mais de 5000 mortos.

Desde 2005 a população da Faixa de Gaza tem sido alvo preferencial dos ataques israelitas, com recorrentes operações militares de grande envergadura (sensivelmente a cada dois anos), além das repetidas incursões em territórios palestinos e ataques dirigidos a líderes da resistência e sociedade palestinas, tudo isto a somar a um cerco que dura já há 15 anos.

Apesar de as autoridades israelitas nunca o terem reconhecido, é amplamente aceite que o país possui armas nucleares no seu arsenal, assim como capacidade para a sua utilização, além de armas químicas e biológicas. Israel é um dos quatro Estados membros das Nações Unidas que não assinaram o Tratado de Não Proliferação Nuclear e um dos 10 que não assinaram a Convenção sobre as Armas Biológicas.

As indústrias militares e de segurança de Israel contribuem significativamente para as suas exportações, fazendo do país o oitavo maior exportador mundial de armamento. Sem pudor, muitos produtos são anunciados como tendo sido «testados no terreno», ou seja, contra os Palestinos.